

alameda digital

actualidades, ideias e cultura

Avanti o popolo...Bandiera rossa trionferà

por J. Luís Andrade

Mesmo aqueles que costumam manter um certo alheamento em relação às coisas da política, já notaram certamente o esforço que o governo Sócrates tem feito em emular a agenda do camarada Zapatero. O facto torna-se ainda mais notório quando se sente a permanente tentativa de forçar clivagens e atirições sociais, de uma forma aparentemente gratuita e a despropósito. *Lei da Memória Histórica*, retirada de crucifixos de espaços públicos, predilecção pela escabrosidade das relações homossexuais, etc.. *Revanchismo* político, intrínseco espírito ditatorial do socialismo ? Talvez não só.

Creio que essas iniciativas, acessórias mesmo para os estrategas que as concebem, se destinam mais a agitar as bandeiras vermelhas do jacobinismo ideológico para que tapem e camuflem as inevitáveis medidas ditas reformistas, anti-sindicais e anti-populares, exigidas pelos verdadeiros donos do Poder, algures por essa Europa e por esse Mundo; e, afinal, também pela dura realidade dos factos a que anos de pusilanimidade laxista e partidocracia demagógica nos conduziram. São *crístãos atirados às feras* que lá vão entretendo a maioria da população de esquerda para que ela não sinta nas suas costas as fosquinhas autoritárias e abstrusas dos governos socialistas.

Reféns da sua similar visão do Estado e, afinal, da mesma referência ideológica, os partidos da oposição permanecem manietados, impotentes e desorientados. No seu mal digerido cripto-neo-liberalismo de subordinação ao deus Mercado, até acham que Sócrates lhes faz o servicinho bem feito e que basta esperar pelo inevitável desgaste para regressarem em ombros à porta grande do Poder. De Valores conhecem as acções e os mercados de futuros; que engano... Fiados no pendular balancé do Poder não compreendem que a agenda política socialista, através de uma bem oleada rede de conivências mediáticas, contém em si mesma um projecto monolítico (arriscaria a dizer pessoal) de consolidação do Poder a longo prazo. Conquistados os postos chaves e críticos do aparelho do Poder (escalões dirigentes do Estado, das Empresas Públicas, dos principais *networks* de tráfico de interesses, incluindo a Comunicação Social), só a ruptura do tecido social de base poderá levar ao arriar da bandeira rosa... Ora, conhecendo nós o condicionamento político e emocional a que a população portuguesa se deixou sujeitar durante as últimas décadas, fácil se torna perceber quão difícil é a emergência de qualquer irrupção de indignação ou oposição cívica. A estabilidade política (mesmo que a caminho do abismo) foi elevada à condição de Supremo Bem, tendo no actual Presidente da República o seu maior paladino.

É nesse contexto que o referendo ao Aborto deve ser entendido. Numa altura em que a sustentabilidade do futuro da Nação só pode ser assegurada pelo aumento drástico da taxa de natalidade (comprovadamente correlacionada com o apoio à estabilidade das famílias) e pela salvaguarda dos recursos naturais estratégicos, o que se assiste é à protecção (quando não promoção) dos casamentos homossexuais, das vantagens das uniões de facto sobre o matrimónio, ao investimento público no aborto e à alienação do património nacional legado pelas gerações que nos antecederam.

Só a mais profunda hipocrisia pode levar os promotores do Referendo a tentarem convencer-nos de que o que está em jogo é a despenalização das mulheres que querem abortar até às dez semanas. E as que o fizerem um dia depois? Em quase todos os casos levados a tribunal, na Maia, em Aveiro ou em Setúbal, a gravidez era bem mais avançada. O que irá acontecer então? Se a Lei for para cumprir, mesmo que ganhe o *Sim*, as mulheres voltariam a ter de ser levadas a tribunal. Para quê então o *charivari*? É que a sanha bem regada lhes permite alimentar o farisaísmo arrogante dos seus zelotas e dos grupos em que se inserem ou revêem, considerando-se superiores, mais cultos e *avançados*. Dominadas por uma abstrusa convergência de esquerdismo sem fronteiras e *liberalismo* niilista, essas correntes de opinião pretendem, no fundo, fazer aceitar o aborto como mais um método anti-concepcional.

Não deixa de ser irónico que aqueles que sempre usaram, para sua conveniência, o primado da Ciência e do Positivismo venham agora negar a realidade para que a experimentação médico-biológica aponte. E advogar a opção do Direito do mais forte sobre o mais fraco e indefeso! Ah!, é verdade, mas sem deixar de continuar a defender o direito e a dignidade das libelinhas, das focas, das baleias, dos toiros, etc.. Mas na realidade, mais no fundo ou mais à superfície (*quem manda na minha barriga sou eu!*), tudo se resume a *O aborto é fixe, o puto que se lixe !*

Em abono da verdade, para além de pilar oportuno da cortina de fumo que a agenda política de Sócrates pretende lançar, o que efectivamente está por detrás da hipocrisia da luta abortista é a hiperbolização da questão da Igualdade, neste caso entre os sexos. Para os defensores do aborto a pedido, a maternidade é um fardo que minoriza a mulher face ao homem e que a impede de ter a mesma igualdade de oportunidades no trabalho e no quotidiano. Daí a crescente tendência da moda, do cinema e da *Kultur*, em geral, pelos seres de sexualidade equívoca e andrógina. Pelos vistos, não foram suficientes os rios de sangue que a utopia comunista, sucedânea da falácia igualitária, fez (e ainda faz) correr.

Quanto ao Referendo, em última análise, como nas encenações do La FERIA, com as bandeiras desfraldadas e bem hasteadas, lembrando combates de outrora, o pau bem pode vir que a população lá vai, contente e entretida, gritando palavras de ordem, cantando e rindo...